

A MULATA E O MALANDRO: A CARACTERIZAÇÃO VOCAL DO PERSONAGEM-TIPO NA MÚSICA DO TEATRO DE REVISTA BRASILEIRO, ENTRE AS DÉCADAS DE 1880 E 1930

*Leonardo de Mesquita Taveira*¹

RESUMO: Com enfoque na música do Teatro de Revista brasileiro entre as décadas de 1880 e 1930, esta pesquisa pretende estudar, através da análise de partituras, a caracterização musical e vocal de dois tipos importantes no teatro musical brasileiro: a Mulata e o Malandro. Esta comunicação, derivada de nosso projeto de pesquisa de Mestrado para o biênio 2007/2008, apresenta as diretrizes da pesquisa, sua metodologia e algumas de suas premissas. Partimos da hipótese de que, assim como há uma caracterização dramática para esses personagens, haveria também a caracterização musical e vocal.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Teatro de Revista; Personagem-tipo; Mulata; Malandro.

ABSTRACT: Focusing the music of the Brazilian Revue from the 1880s to the 1930s, this research intends to study, through musical score analysis, the musical and vocal characterization of two important well-marked character-types in the Brazilian musical theater: the *Mulata* (mulatto woman) and the *Malandro* (scoundrel). This communication, originates from our Masters Degree research project for the biennium 2007/2008, presents the research guidelines, its methodology and some assumptions of it. We started from the hypothesis that, as there is a dramatic characterization for these characters, there could be also a musical and vocal characterization.

KEYWORDS: Music; Revue; character-type; *Mulata*; *Malandro*.

INTRODUÇÃO

Nas três últimas décadas, o Teatro de Revista vem recebendo a atenção devida à sua importância na historiografia cênica nacional, dentro do espaço reservado ao Teatro de Costumes. A literatura tem apontado para este fato e, como afirma Delson Antunes (2002, p.13), “o fenômeno teatro de revista foi o mais forte e duradouro movimento de teatro popular já ocorrido no país, e suas influências foram decisivas na consolidação de uma cultura urbana de massas”.

O Teatro de Revista, inicialmente, retratava os momentos importantes do cotidiano da cidade: revoltas, inventos, modas, acontecimentos artísticos ou literários, espetáculos, crimes, processos judiciais, epidemias. Tudo o que fosse notícia poderia ser transplantado para o palco revisteiro, fazendo a crítica e a sátira desses acontecimentos e das pessoas e costumes de sua época.

Durante aproximadamente três quartos de século (entre 1884 e 1961), o Teatro de Revista teve uma posição de destaque na produção teatral, e mesmo cultural, brasileira. Sua evolução obedeceu a uma certa periodização (GOMES, 1998; PAIVA, 1991; RUIZ, 1988; VENEZIANO, 1991). Primeiramente, uma fase que, de 1833 a 1884, pode ser chamada de a “pré-história do Teatro de Revista brasileiro” (GOMES, 1998, p.42), quando houve tentativas não levadas à cena e peças mal-sucedidas junto ao público. O primeiro período, quando o Teatro de Revista conquista o público carioca, vai de 1884 até a Primeira Grande Guerra

¹ Mestrando em Música – Práticas Interpretativas – sob orientação da Prof^a Dra. Mirna Rubim de Moura, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), bolsista CAPES-DS. Contato eletrônico: mesquitaveira@gmail.com ou mesquitaveira@yahoo.com.

(1914-1918) aproximadamente, sendo chamada de fase das revistas-de-ano (espetáculos que faziam a revisão crítica do ano imediatamente anterior). Da Primeira Grande Guerra ao fim da década de 1930 – o segundo período – considera-se que o Teatro de Revista começa, no Brasil, a abandonar a fórmula “revista-de-ano” e, também, algumas de suas características originais herdadas da França e de Portugal. Este período foi marcado por um teatro em que sobressaía a originalidade, sendo considerado por Veneziano (1996) e Paiva (1991) como o da revista tipicamente brasileira. O terceiro período vem a partir dos anos 1930, quando se iniciou um novo modelo, dominante por cerca de duas décadas, marcado pela diminuição da importância do texto e pelo incremento na parte *show* do espetáculo; foi a grande fase das vedetes. Com a chegada dos anos 1960, o Teatro de Revista conheceu a banalização do erótico, descambando para o pornográfico. Salvyano Paiva (1991, p.638) dá 1961 como o ano da morte do Teatro de Revista brasileiro.

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Em todos os espetáculos de revista, a presença da música era uma constante. Cada personagem – real ou alegórico e dependendo de sua importância dentro do enredo – tinha sua parcela nos números musicais. Na ópera e na opereta, personagens entram em cena cantando recitativos, árias e cabaletas para se apresentarem ao público e serem situados na trama; paralelamente, na Revista tornou-se habitual que cada personagem de destaque “se auto-apresentasse cantando, dizendo seu nome, sua profissão, seus gostos e outros dados esclarecedores” (VENEZIANO, 1991, p.155), eram as chamadas coplas-de-apresentação. Desta forma, o público sabia *quem* ou *o que* entrava em cena. Além dessas coplas, existiam canções, danças (cantadas ou não), grupos – duetos, tercetos ou conjuntos – e números musicais de grande porte (as apoteoses).

Criada por compositores vindos do teatro lírico, como Henrique Alves de Mesquita e Abdon Milanez, a música do Teatro de Revista bebeu de diversas fontes. Compositores como Francisco Assis Pacheco, João José da Costa Junior, Nicolino Milano, com formação clássica, trabalharam musicando o Teatro de Revista e contribuíram para criar um padrão de excelência, no palco, e de expectativa, na plateia. Nomes vindos do Choro, como Sofonias Dornelas, Luís Moreira e Paulino Sacramento também criaram para o palco do Teatro de Revista. Criando revistas, houve músicos populares que inspiraram compositores eruditos – como foi o caso de Marcello Tupinambá, cujas canções foram usadas em composições por Darius Milhaud, que o considerava, junto com Ernesto Nazareth, um mestre, dizendo “Nazareth e Tupinambá precedem a música de seu país como as duas grandes estrelas do céu austral” (*apud* KIEFER, 1982, p.119). Esta lista de compositores demonstra a riqueza da música neste gênero teatral.

Tratar da música do Teatro de Revista como um todo seria uma tarefa, atualmente, impossível. Preferimos tratar da música referente a uma das principais convenções deste gênero teatral – o *personagem-tipo*.

Diversos personagens, tipos, caricaturas sociais, alegorias e fantasias, eram postos em cena, na revista, para uma imediata identificação pela plateia. Os tipos, como o *Zé-Povinho*, o *Bilontra*, a *Cocotte*, a *Mulata* e o *Mulato*, o *Caipira* ou *Matuto*, o *Almofadinha*, o *Sportsman*, a *Melindrosa*, o *Malandro* e o *Português* surgiam no palco das revistas.

O teatro cômico sempre acolheu os tipos. Neyde Veneziano (1991, p.120-121) nos traz que “todo o teatro popular, e em especial a revista, trabalha fundamentalmente com tipos”, ao que Flora Süssekind (1986, p.94) complementa, dizendo que “um dos procedimentos mais constantes nas revistas é justamente a tipificação”. O personagem-tipo surge na revista, vindo da comédia de costumes.

A escolha desses personagens-tipo – a Mulata e o Malandro –, para a realização desta pesquisa, deu-se pelo fato de serem estes dois dos que mais se fixaram no imaginário do público brasileiro, tornando-se extremamente recorrentes na música e no humor brasileiros.

A Mulata surge no Teatro de Revista brasileiro em 1890, quase que simultaneamente, em duas revistas – *A República* de Artur Azevedo e *Bendegó* de Oscar Pederneiras. A rápida repercussão deste personagem-tipo pode ser avaliada pela estréia brasileira de uma revista portuguesa em 1892, *Tim-Tim por Tim-Tim*, de Souza Bastos, que na temporada carioca teve a inclusão de um ‘número de baiana’, “O Mugunzá”, música de Francisco Carvalho, cantado pela atriz Pepa Ruiz.

Sobre o Malandro parece haver o consenso (GOMES, 1998, p.43; PAIVA, 1991, p.75; SILVA, 1998, p.108; VENEZIANO, 1991, p.123) de que ele surgiu na revista, ainda no século XIX e também pelas mãos de Artur Azevedo, em *O Bilontra*. Nas revistas, vai se desenvolver uma figura multifacetada, delineando o Malandro nacional, mas sob várias denominações, tais como *jagunço*, *bilontra*, *tribofe* e mesmo *malandro*. O Malandro foi um tipo constante na revista brasileira. Neyde Veneziano considera que o seu apogeu se deu na “época do populismo de Getúlio Vargas” (1991, p.123), mas Tiago Gomes (1998, p.1) fala da perseguição que este tipo sofreu na referida época, quando o Governo procurava enfatizar a importância do trabalho honesto para o desenvolvimento do país.

Os personagens-tipo serviram de veículo para a crítica a sociedade e seus costumes em transformação. Os contrapontos criados com as tentativas de modernização da cidade, vinculados aos ideais de *Belle Époque*, criavam quadros de imagens contrastantes que os autores souberam reproduzir criticamente na cena teatral. Assim, ao criticar o Rio de Janeiro – primeiro Corte Imperial, depois Capital Federal –, o teatro de revista redesenhou em cores vivas o nosso povo, fixando nossos tipos, modas e costumes.

DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Nosso propósito é, buscando este repertório para um diálogo histórico e interpretativo, desenvolver uma pesquisa sobre a música deste gênero teatral que vem se mostrando uma fonte muito rica sobre a história da cultura brasileira.

O objeto desta investigação são partituras impressas ou manuscritas que façam referência aos personagens-tipo abordados ou que tenham sido por eles cantados em espetáculos do Teatro de Revista brasileiro. Estas partituras já vêm sendo coletadas nas bibliotecas públicas de música, a princípio na cidade do Rio de Janeiro.

O teatro cômico sempre acolheu os tipos. Neyde Veneziano (1991, p.120-121) nos traz que “todo o teatro popular, e em especial a revista, trabalha fundamentalmente com tipos”, ao que Flora Süssekind (1986, p.94) complementa dizendo que “um dos procedimentos mais constantes nas revistas é justamente a tipificação”. O personagem-tipo surge na revista vindo da comédia de costumes. No entanto, é necessário fazermos a diferenciação entre personagem, estereótipo e personagem-tipo.

Os personagens no teatro se formam somente através de suas falas, o público toma conhecimento deles ou por suas falas ou pelas falas de outros personagens a seu respeito - sendo uma individualidade resultante de seus desejos, conflitos e atos. Já o estereótipo apresenta sempre, como que estampados, traços comportamentais e características distintivos e fixos, podendo o público reconhecê-lo de imediato e presumir-lhe as ações durante a peça, reduzindo assim suas possibilidades de ação. O personagem-tipo, diferentemente do estereótipo, opera uma síntese das características de um gênero, mais que uma soma de dados externos, o que faz que ele adquira maior espessura dramática e possa, então, estabelecer diferentes relações com outros personagens no decorrer da peça. Esta síntese realizada pelo personagem-tipo permite-lhe um sem-número de possibilidades de ação, daí sua longa existência teatral (SILVA, 1998, p.35).

Com isso, nossa pesquisa se ocupará com fontes primárias (partituras musicais) das primeiras fases, ou seja, nas décadas de 1880 a 1930, quando o Teatro de Revista privilegiava a crítica social e a sátira de costumes, e o personagem-tipo ainda não se tornara estereótipo.

Como a nossa proposta é trabalhar somente com música vocal, a leitura do texto dos espetáculos tem servido principalmente para nos indicar a existência de números musicais que se enquadrem nos parâmetros desta pesquisa. Não procuramos entender o personagem-tipo como um todo dramático, mas, colocar o foco de interesse unicamente nas suas características musicais. Assim, o recurso à sua construção dramática e à sua relação com o texto dos espetáculos é de caráter informativo.

QUESTÕES DE ESTUDO E OBJETIVOS

Como nos aponta Veneziano (1991), a Mulata e o Malandro foram caracterizados e formalizados no Teatro de Revista brasileiro, tornando-se convenções teatrais. A partir disso, será possível encontrar uma especificidade musical para estes personagens-tipo na música do Teatro de Revista brasileiro? Qual será a recorrência – em termos de estilo, ritmo, registro vocal, extensão, texto – nesta possível caracterização? Será possível estabelecer um padrão (nossa hipótese) dentro da produção brasileira do Teatro de Revista ou a variação será por demais extensa? Este processo de investigação sobre caracterização poderá ser estendido para outros personagens-tipo?

Nesta pesquisa serão coletadas, avaliadas e analisadas as partituras musicais do Teatro de Revista em que falem e em que cantem sobre os personagens-tipo – a mulata e o malandro – no período entre os anos 1880 e 1930, delimitado anteriormente. Através desse repertório, será desenvolvida uma discussão sobre a caracterização musical e vocal destes personagens no gênero teatral Revista e, principalmente, será apontada a existência, ou não, de paralelos nessa caracterização.

JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

Até o presente momento, não foi constatado que a música do Teatro de Revista tenha sido especificamente focalizada em pesquisas, aparecendo nos textos existentes de forma puramente histórica. Há evidências de uma vasta lacuna nos estudos sobre o nosso Teatro de Revista.

No Brasil, a Música Popular e o Teatro de Revista se relacionaram em uma via de mão dupla na qual o sucesso dos espetáculos teatrais divulgava a música popular e, igualmente, os sucessos da música popular, transplantados para as revistas, levavam ainda mais o público para o teatro. Um repertório tão rico e vasto precisa ser resgatado, explorado e divulgado, sob o risco de ser perdido caso este resgate não ocorra. As bibliotecas públicas de música acolhem um enorme acervo de textos e partituras – como é o caso da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, que, além da posse da Coleção Paschoal Segreto em vias de tratamento (e a qual ainda não tivemos acesso), possui ainda um cabedal de partituras isoladas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na atual fase desta pesquisa, a nossa revisão da literatura se encontra em andamento, e este processo, possivelmente, poderá influenciar nas referências do nosso quadro teórico. Temos nos utilizado de *O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e Convenções*, de Neyde Veneziano (1991), e *'Precisa Arte e Engenho Até...': um estudo sobre a composição de personagem-tipo através das burletas de Luiz Peixoto*, de Daniel Marques da Silva (1998) para embasar a abordagem ao personagem-tipo como convenção do Teatro de Revista. De Tiago de Melo Gomes, *Lenço no Pescoço: O malandro no Teatro de Revista e na Música Popular* (1998) e seu artigo “Sabina das Laranjas” (2002) nos dão a perspectiva histórica do personagem-tipo (o Malandro e a Mulata, respectivamente).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Dentro do vasto número de partituras musicais do Teatro de Revista existente nas coleções das bibliotecas de música, elegeremos como objeto aquelas partituras que contenham música vocal, referente aos personagens-tipo escolhidos para esta pesquisa e que possam ter seus espetáculos de origem identificados.

Durante este primeiro período da pesquisa, serão realizadas visitas à Divisão de Música da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; às bibliotecas da Escola de Música da UFRJ e do Conservatório Brasileiro de Música; ao Museu da Imagem e do Som; e à Sala Mozart de Araújo no CCBB-RJ, para busca, seleção e cópia das partituras. Para cada peça coletada será preenchida uma ficha de descrição e análise inicial.

Na análise das peças selecionadas – para caracterização, ou não, do personagem-tipo por sua música – tentar-se-á encontrar os pontos em comum nesta caracterização e quais variações surgem (pois que há subdivisões nos personagens-tipo, tomando, por exemplo, o malandro: malandro, carioca, capadócio, bilontra, mulato pernóstico – diferentes muitas vezes, mas como facetas do mesmo personagem). A nossa hipótese inicial trabalha com a possibilidade da existência dessa caracterização musical e/ou vocal do personagem-tipo.

Nossos itens de análise são: (a) a contextualização histórica do Teatro de Revista e do personagem-tipo dentro da produção cultural brasileira, nas décadas de 1880 a 1930; (b) dados sobre a transformação ocorrida na caracterização dos personagens-tipo neste período; (c) a análise musical dos exemplos recolhidos (partituras); e (d) a análise estatística dos resultados obtidos que, provavelmente, fará surgir subunidades de análise.

CONSIDERAÇÕES

Não podemos avaliar, ainda, a extensão e o volume do material (partituras) que será encontrado, por isso, inicialmente, pesquisaremos sobre estes dois personagens-tipo. O nosso recorte temporal abrangerá os dois primeiros períodos – o das revistas-de-ano e o das revistas tipicamente brasileiras – quando o texto dramático dos espetáculos ainda mantinha a hegemonia sobre os outros elementos teatrais. O período selecionado, com cerca de meio século entre as décadas de 1880 e 1930, oferecerá uma visão bem ampla das características apresentadas e das transformações sofridas pelos personagens-tipo abordados e, também, uma melhor possibilidade de detalhamentos dos mesmos. Baseados em Paiva (1991), vimos que há mais de 80 compositores relacionados ao Teatro de Revista no Rio de Janeiro. Essa produção será avaliada com a finalidade de se encontrarem exemplos que estejam nos parâmetros desta pesquisa. Dependendo dos resultados – e em função do possível montante de partituras encontrado –, poderá ser necessária a redução do recorte previsto para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Delson. *Fora do Sério: Um Panorama do Teatro de Revista no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2002.

GOMES, Tiago de Melo. *Lenço no Pescoço: o malandro no Teatro de Revista e na Música Popular*. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Unicamp.

_____; SEIGEL, Micol. Sabina das Laranjas: Gênero, Raça e Nação na trajetória de um símbolo popular, 1889-1930. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n° 43, p.171-193, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10916.pdf>>, acesso em 14 ago. 2006.

KIEFER, Bruno. *História da Música brasileira dos primórdios ao início do séc. XX*. 3ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. *Viva o Rebolado! Vida e morte do Teatro de Revista brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

RUIZ, Roberto. *O Teatro de Revista no Brasil – das origens à Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Inacen, 1988.

SILVA, Daniel Marques da. *‘Precisa Arte e Engenho Até...’: um estudo sobre a composição de personagem-tipo através das burletas de Luiz Peixoto*. 1998. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Centro de Letras e Artes, Unirio.

SÜSSEKIND, Flora. *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular: Teatro & Cinema*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

VASCONCELOS, Ary. *Panorama da Música Popular Brasileira na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Livraria Sant'Anna, 1977.

VENEZIANO, Neyde. *O Teatro de Revista no Brasil: Dramaturgia e Convenções*. Campinas: Pontes, UNICAMP, 1991.

_____. *Não Adianta Chorar! Teatro de Revista Brasileiro... Oba!*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.